

ASSIGNATURAS

Corte, anno.....	10\$000
Semestre.....	5\$500
Trimestre.....	3\$000
Mez.....	1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno.	12\$000
Semestre.....	7\$000
Trimestre.....	4\$000
Mez.....	1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

Dedicado ás Páccas Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Vicior da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Francisca Gonzaga, F. A. Costa, etc

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1880 N. 6

ROSA E MARGARIDA

(FANTASIA DE H. MURGER)

E' de manhã. O astro rei levanta-se de sua alcova estrellada; a viração embalsama os campos agitando as suas azas; os sylphos vão encher nas fontes do céu as amphoras que devem derramar sobre as flores da terra.

Nos campos e nos jardins as flores erguem as fronte e impacientes esperam, porque o dia antecedente fôra abrazador.

Um dos sylphos está apaixonado da rosa; desempenha a sua tarefa precipitadamente e corre para junto de seus amores a todo vôo de suas azas e tão apressadamente que se esquece de inclinar a sua amphora sobre uma margaridinha dos campos. Ella chama-o, mas elle não a ouve; está já perto de sua bella, e verte-lhe gotta a gotta as mais puras lagrimas do orvalho.

A pobre flor esquecida sente nas raizes a pressão da morte; inclina-se sobre a haste e despede-se de suas companheiras.

« Adeus, minhas irmãs, vou morrer. E'

chegado o sol que queima as folhas e acende a poeira dos caminhos.

« D'aqui a pouco, não serei mais que uma fibra de herva secca, e esta tarde a aza do turbilhão me arrebatará.

« Mais felizes do que eu, vós bebestes a gotta d'agua d'aurora: ella brilha em vossos calices como uma perola em fundo negro; renasceis mais frescas e mais odorosas. A abelha zumbindo vos acariciará como me acariciava hontem quando eu lhe ministrava o succo da vida. Hoje não me reconhece já. Adeus, minhas irmãs, vou morrer; o sylpho abandonou-me.»

Entretanto, passa-se o dia, a noite chega; a gaita do pastor chama os rebanhos ao redil. O signal de *Ave-Marias* desprende-se do campanario e a estrella vespertina abre sua pupilla de diamante. Os grillos e as cigarras começam sua symphonia nocturna e a humilde margarida não morrerá ainda.

Apparece então pelo caminho dos trigos uma donzella vestida de branco. Quando o vento lhe infuna o cendal, ella parece ter azas e estar prestes a voar! Caminha de vago e volta-se muitas vezes a olhar

para traz, porém não vê chegar quem parece esperar.

Ella chama-se Rosa e está a completar 16 annos ; sahira ao tocar das *Ave-Marias* e caminha ao acaso, procurando a solidão e o silencio para ouvir mais distinctamente o som da voz cujo echo repercutira em seu coração. Si a essa hora seu rosto está triste, é porque sua alma soffre. Ao caminhar diz com voz doce como de uma prece:

« Meu Deus! De que provém a minha tristeza? Ha sempre lagrimas em meus olhos! Minha mãe pergunta-me:—Porque choras? e eu abraço-a, mas ha lagrimas ainda nos meus abraços. Serei eu só a chorar?

« Pela manhã, se quero cantar fiando o meu linho, sinto-o humido sob os meus dedos, porque ha tambem lagrimas em minha canção. Sinto que correm de meus olhos, mas a fonte é em outro logar. Serei eu só a chorar?

« De noite não posso dormir, e quando sob o meu cortinado faço a minha prece, tambem ha lagrimas na minha oração. Serei eu só a chorar?

« A' noite, em volta do lar, quando atentos ouvimos alguma legenda, si a alegria ruidosa de nossos visinhos interrompe um instante o narrador, eu quero rir-me como os outros, mas existem tambem lagrimas no meu sorriso. Serei eu só a chorar?

« Ah! si elle o soubesse aquelle que me levou comsigo a alegria—talvez que voltasse. Espero-o, procuro-o por toda a parte e não o encontro! Esta tarde tambem o espero. Virá elle?

« Elle que me arrebatou o coração; que me deixou apenas o seu nome! Seu nome que permanece sempre em meus labios!

Seu nome que canto-o em minha ballada, parecendo-me assim a aria mais bella! Que misturo-o tambem em minhas orações! Ai! perdoai-me, meu Deus. Amar-me-ha elle?

« Amar! Eu amo muito minha terna mãe e minha irmãsinha. Mas a elle!... Não o vi senão uma unica vez, e desde esse dia meus olhos procuram-n'o por toda parte, e meus pensamentos vôm sem descanso sempre para elle. Meu Deus! Elle me amará tambem? Serei eu só a chorar »

Rosa sentara-se á beira do rego onde agonisava a margarida; uma das suas lagrimas cahio sobre a flôr, que se sentio reanimar por essa gotta d'agua e se levantou lentamente sobre a sua haste respirando a aura da tarde. Uma segunda lagrima desprendeuse dos olhos de Rosa e molhou as petalas da flor. A margarida restituída á vida viu a donzella lacrimosa e comprehendeu a razão de seus pezares.

—Rosa, Rosa, lhe disse, conheço a causa das tuas lagrimas. Teu rosto está pallido, teu coração está triste e humidos os teus olhos. Eu ia morrer por falta de orvalho, tu por falta de esperança. Sê feliz; em paga da vida que me déste vou dizer-te meu segredo, sem que tenhas necessidade de me desfolhares. Enxuga teus olhos, Rosa, e que teu rosto se enrubeça, e que teu coração palpite e que teu riso volte. Rosa, aquelle que tu amas, ama-te tambem; aquelle que esperas, não tardará. Elle ama-te muito, ama-te apaixonadamente, não te esquecerá jamais. Crê.

J. MENDES.



A ORMINDA

PELO SEU ANNIVERSARIO

Diz-me, conheces, Orminda,
Aquelle bom jardineiro
Que possui no seu canteiro
Fresca roseira mui linda?

Ao erguer-se de manhã
Corre logo a contemplal-a,
Vae cuidadoso regal-a
P'ra vel-a sempre louçã.

Arrima o fragil raminho,
Aduba em roda o terreno,
Protege o broto pequeno
Contra o insecto damninho.

Si lhe permite o arrebol
E a fresca brisa da tarde,
Procura quanto a resguarde
Dos quentes raios do sol.

Gosto de ver balouçar
O mimoso e fino galho
Todo aljofrado de orvalho
A' frouxa luz do luar.

Mas eis que brota n'um dia
Botão esplendido e bello,
Redobra agora o desvelo,
Como redobra a alegria.

E o bondoso jardineiro,
Na roseira tão viçosa,
Adora o botão de rosa
Que vem ornar seu canteiro.

E cada vez mais se esmera
Em livral-o do perigo;
No seio dera-lhe abrigo
Si o seio abrir-lhe pudera.

E, no solícito amor
Por esse botão querido,

Anceia vel-o expandido
Em todo o brilho e frescor.

.....

Diz-me agora, Orminda, então
Este canto em quem recae?...
Si o jardineiro é papae,
Quem é da rosa o botão?

A quem é que elle ama tanto,
Por quem tanto se desvela?
Quem é da roseira bella
O botão cheio de encanto?

Pois vae dizer-te o conviva,
Que neste conto, menina,
Tu és a flor purpurina
Que o jardineiro cultiva!

1 de Outubro de 1880.

S. JUNIOR.



Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

III

Profundo silencio reinava na casa da rua do Cattete, até agora alegre e buliçoso ninho de duas gentis creanças, almas candidas e meigas, que se reviam uma na outra, que choravam e riam juntas, associando-se nos mesmos prazeres, nas mesmas dores, jámais se contrariando, nunca se lhes notando o mais pequeno vislumbre de desgosto.

O infortunio acabava de entrar n'aquella casa, no momento em que a felicidade mais risonha parecia mostrar-se ás duas irmãs.

Essa desgraça que transformava a amizade em odio, a harmonia em discordia,

a alegria em lagrimas tinha o nome de — ciúme.

Era elle que promovia essas dissensões fraternas, que afastavam uma da outra essas amigas intimas, que tanto se amaram, e plantava no coração da pobre senhora, sua avó, os germens do desgosto mais profundo.

No momento em que Olympia lhe cahiu nos braços, ella, só, no seu quarto, tendo defronte de si um crucifixo, allumiado pela luz frouxa d'uma lamparina, nas mãos um rosario, balbuciava, cheia de fé uma oração, quem sabe! pedindo talvez a Deus protecção para suas netas, quando foi surpreendida por tão desagradavel incidente.

Era triste vel-as, avó e neta, soluçando ambas, fitando-se uma á outra, quando Isabel entrando repentinamente, cortou aquella mudez, dizendo!

— Não é nada, vovó; desculpa, Olympia. Fui, é verdade, imprudente contigo, mas estou arrependida d'isso. Não sei que allucinação se apoderou de mim de modo a fazer-te chorar, quando te amo tanto! Perdôa-me, minha irmã; sou mais moça do que tu, e por conseguinte mais sujeita a loucuras. Porventura nos zangamos alguma vez? Nunca! Então, não me desculpas? continuás chorando!

E Isabel, perfida, talvez, tomou um lenço, e parecendo pezarosa, contristada com a dôr da irmã, poz-se a enxugar-lhe as lagrimas que lhe cahiam mais abundantes ainda, depois do que ouvira, e continuou a meia voz:

— Sou tão tua amiga, minha irmã, e tu nem ao menos me olhas! Aquillo foi uma criancice minha, não lhe dê impor-

tancia, que eu prometto nunca mais fazer-te chorar.

— Mas, afinal de contas, perguntou a avó, porque é tudo isto, esta balburdia, que eu não comprehendo, e que me afflige, a mim, que sou velha e doente, a quem o mais pequeno abalo transtorna?

Olympia levantou-se, estreitou a avó nos braços, e ainda meia commovida disse:

— Não se incommode, vovó. O que se passou entre mim e minha irmã foi um incidente de nenhuma importancia, e que penso não se repetirá, não é assim, Isabel?

Esta fez um signal affirmativo.

— Mas porque foi tudo isto? perguntou a avó? — Não de dizer-m'o; quero saber-o.

Isabel, fez um signal á irmã, como para pedir-lhe que nada dissesse, do que entre ellas se havia passado, e responder:

— A culpada fui eu, vovó; Olympia estava escrevendo ao primo, e como eu é que desejava...

— Ah! já sei! querias ter a primazia, não é verdade? Pois agora nem uma nem outra; quem vai escrever-lhe sou eu. Zanguem-se agora!

E chegando-se a uma mesa, escreveu, mais ligeiramente, do que se podia esperar da sua idade, uma pequena carta, que, depois de ter mostrado ás netas, dobrou, e metteu n'um envelope.

Agitou um tympano, a cujo chamado appareceu um moleque, de physionomia boçal e estúpida, desfazendo-se em cortezias e requebros.

— Leva esta carta a meu neto. Sabes onde mora?

— Oh! se sei!

E sahiu.

Quando chegava quasi ao fim da escada ouviu chamar. Voltou-se e viu Isabel.

— Toma, disse ella dando-lhe uma carta, entrega-lhe isto tambem. Não digas nada, ouviste?

— Nunca, sinhá!

F. ARTHUR COSTA.

(Continúa).



Serões da Província

POR

JULIO DINIZ

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

Thomaz hesitou em responder e murmurou não sei que palavras inintelligiveis, terminando por estas :

— Pouco importa. E' uma questão secundaria essa.

— Perdão; mas não penso eu assim, accrescentei decidido a não me contentar com uma resposta tão evasiva. — Comprehendo que possa encontrar n'isso grande prazer e até, para lhe fallar a verdade, era esse um passatempo que me não desagradaria de todo, concordo; mas exigiria que os narradores fossem de duas classes apenas; ou uma d'estas velhas, que parece terem sido creadas só para narrarem contos e que o tempo respeita já com o fim de trasmittir suas memorias ás gerações que surgem; ou então, e melhor ainda, uns labios femininos, uma voz com o timbre dos quinze ou vinte annos, que muita vez chega a fazer-nos esquecer do conto para só nos lembrarmos da contadora.

Os mesmos signaes de impaciencia, que por mais d'uma vez havia offerecido a physionomia de Thomaz, de novo se manifestaram, mais profundamente que

nunca, e, como se me não tivesse comprehendido, continuou, dizendo:

— Eu não tenho comtudo a liberdade de satisfazer estes desejos, a não ser da maneira que viu hontem.

— Um tanto arriscada.

— Póde ser. Mas o receio exagerado que minha mãe tem ao ar da noite — e accentuou estas palavras sorrindo — fez-me perder a esperanza de obter a sua permissão para satisfazer em mim este capricho, se não é uma verdadeira necessidade; mas capricho ou necessidade em todo o caso incomprehensivel para ella. Eis o motivo porque me sirvo d'um stratagemma, um tanto singular e talvez ridiculo.

— Diga antes perigoso.

— Ora! parece-lhe?

Se o que me dizia Thomaz era verdade, não era comtudo ainda a verdade inteira; — presentia-o. Dei, apesar d'isso, á minha physionomia um ar de convencimento, que me pareceu tranquillisal-o.

Apressou-se a tomar a questão em tom jovial, rindo-se das suas proprias façanhas acrobaticas e esforçando-se por se mostrar mais creança, do que era effectivamente, para tirar toda a importancia á scena da vespera.

Houve emfim uma pausa na nossa conversação, que permittiu nos chegasse aos ouvidos o fim do dialogo, travado entre D. Margarida e o doutor, o qual até alli nos passara desapercibido.

— Pobre homem! dizia a senhora de Entre-arroios, porfundamente compungida, — e deu-lhe assim de repente?

— D'um momento para o outro. Ainda esta manhã, quando a filha partiu para a villa, estava elle de perfeita saude.

— E não dá esperanças?

—Hum! aquelle... Receio que em poucas horas entroixe e parta.

—Pobre Paulina!

Estas palavras exerceram em Thomaz, distrahido até então, um effeito magico.

Ainda bem não haviam sahido dos labios de D. Margarida, já elle, abandonando subitamente o logar onde nos achavamos ambos, estava no meio dos dois, sobre maneira inquieto, e podendo a custo perguntar á mãe:

—Que é? que aconteceu?

Se ainda fosse mysterio para mim o segredo de Thomaz, ser-me-ia n'este momento revelado, tal era a expressão de sua physionomia. A minha attenção achava-se naturalmente attrahida para a scena.

—Olha, não sabes, Thomaz?—respondia D. Margarida, suspirando—o pae da Paulina, a leiteirita dos cazaes, conheces?

Thomaz não pôde reprimir um momento de impaciencia, que o denunciava.

—Sim, sim, e depois?

—Diz agora o doutor que, quando vinha, o encontrou expirando, com um mal que lhe deu de repente.

—E' possivel?!

—Infelizmente.

—E... a filha?

—Julgo que ainda o ignora, pois tinha já partido para a villa como costuma todás as manhãs.

Thomaz olhou para o doutor, que, lendo uma folha do Porto, abanou silenciosamente a cabeça, em signal de confirmação.

—E' preciso lá ir, foram as primeiras palavras de Thomaz, depois de um instante de reflexão.

Por unica resposta a Sra. D. Margarida dirigiu-se para o gabinete. Thomaz deteve-a.

—A mãe não espera hoje ninguem para jantar?

—Sim, mas...

—Irá logo então; agora deixe-me ir só. E sem esperar outra resposta, encaminhou-se rapidamente para a porta e sahiu da sala.

Ao passar por baixo da janella onde eu ainda me conservava, presenciando toda esta scena, o nome de Paulina sahindo-lhe dos labios, chegou-me distinctamente aos ouvidos.

(Continúa)



O TANGARÁ

Eu sinto que tu não visses,
Como é bonito, sinhá...
Na tortuosa arueira
A dança do tangará!...

São pardacentos, escuros
Com topete carmezim;
Do tamanho do sayra,
Redondos como o chupim.

Na turma dos bailarinos
Ha dois pares, e um marcante,
Que toma o centro da roda,
Encrespando o seu turbante!

Entre chilros e meneios,
Sob um compasso cadente,
Crusam os pares garbosos,
Trinando constantemente!

Parecem pet'las de rosa,
Soltas ao vento, no ar...
Ou rubros, cadentes fogos,
No horizonte a pairar!

Demoram tempo infinito,
N'esse innocente folgar
Se brusco rumor extranho
Não os vai afugentar!

Parece conto inventado
Esta minha narração:
Pois gastei horas inteiras
Em séria contemplação !...

E cheguei a convencer-me.
Que o homem nada inventou ;
Mas da sciente natureza,
O que sabe—copiou!...

Eu sinto que tu não visses,
Como é bonito, sinhá,
Na tortuosa arueira,
A dança do tangará !...

DR. LUIZ CARDOSO.



MOSAICO

AS PRESSAS DO CAZUSA

Seu Cazusa existe em carne e osso, é baixo, gordo, imberbe, usa *sobretudo*, ainda mesmo em tempo de calor, donde vem o andar sempre suando e sempre esbaforido; ora *seu* Cazusa é um bom rapaz, mas o maior trapalhão do mundo.

Entrou hontem pela Estação da Estrada de Ferro, apressado e com as mãos occupadas por vinte embrulhos. O trem das 2 1/4 estava a partir. O homemzinho vòu ao bilheteiro, cahe-lhe um embrulho, nem vê; tinha ainda de pôr uma carta ao Correio; compra dois sellos de 50 rs.; dá em pagamento uma nota de 1\$000; larga os embrulhos; puxa uma carta; gruda um dos sellos; agarra o guarda-sol, metade dos objectos e corre á caixa.

Tres exclamações o seguem:

— O' Sr., a carta não tem sobrescripto.

— Olhe o troco e os embrulhos, homem.

Sôa o signal de fechar a bilheteira, Cazusa, que já tinha bilhete, envereda pela porta quasi a fechar-se.

— O bilhete, diz-lhe o empregado.

— 'Sta aqui, 'sta aqui, e todo atrapalhado tira do bolso o outro sello. '

— Isto é um sello, Sr.

Mas *seu* Cazusa, a se desfazer em suor, corria para o trem, seguido do sujeito:

— Dê-me o guarda-sol, Sr.

O trem apita.

— Cruz diabos, lá se vai o bicho !

— O' homem, dê-me o guarda-sol, insistia o outro a perseguil-o.

— Que guarda-sol? berra o Cazusa sempre a correr.

— O que está em suas mãos.

— E o meu ?

— Não o vê debaixo do braço ?

Cazusa pára um instante, tira o seu guarda-sol, reconhece-o:

— Ah! desculpe.

O trem começa a mover-se.

— Ai, que perco o diabo do trem; tome lá, apanhe; e atira ao chão o guarda-sol proprio,

— Não é este homem, é o outro.

Seu Cazusa disparava como um doido pela plataforma, o suor escorria-lhe em bagas; ouve entretanto o sujeito a esbravejar, volta a cabeça, impaciente e sem parar:

— Com mil bombas, pois 'stá ahi; e vareja o outro guarda-sol.

— O' bruto, vá correr para o inferno ! grita uma voz irritada. Cazusa ao voltar-se déra com um homem de pernas para o ar, e esbarrachára uma empada de encontro ao peito da propria camisa.

— Lá se foi a empada, aquelle traste não me viu, nem sou tão pequeno... inda a camisa... mas Pudina, meu Deus !

Alcançou enfim o estribo d'um carro, mas ao saltar, salta-lhe tambem da cabeça a quartola,

— Atire-a cá, depressa, gesticula elle possesso para um guarda-freio, mas era tarde; o chapéo bateu no carro e rolou pela linha.

— Ora bolas! grita o coitado; e ainda riam-se delle, era demais.

Seu Cazusa vae sentar-se amuado e entra a limpar o suor. Chega o chefe do trem para picar os bilhetes; Cazusa remexe os bolsos, nada: perdera o bilhete, porém a carta que devia ter posto no correio, ahi estava.

— Com a breca, lá ficou o camarote do beneficio; si Pudina soubesse... e sem completar a phrase correu á janella desconsolado; ia talvez vel-o passar pelo fio telegraphico, acrescentando mentalmente: —...era bem capaz de me escovar o pello. E com um suspiro dilacerado, seu Cazusa voltava a seu logar, quando um puchão da locomotiva atira-o sentado ao collo d'uma velha vizinha. O pobre homemzinho nem teve tempo de pensar na humidade suspeita que sentiu, porque um violento empurrão, seguido d'uma voz chorosa, o atirou contra o *vis-d-vis*.

— Os ovos de meus netinhos!

— Desculpe, minha avósinha, eu não sabia de quem eram.

— Avósinha do diabo, ha de pagal-os.

— Mas eu não tive culpa, foi, foi...

— Não quero saber, era uma duzia, custaram quatro patacas.

— Mas foram caros, avósinha.

— Não me chame de avósinha, e não tenho que lhe dar satisfações do preço; quatro pataças, ouviu, pague p'ra cá.

Os passageiros riam-se a perder.

— Ai, ai, ainda mais esta; e o infeliz Cazusa com os olhos cheios d'agua pagou

os ovos dos netinhos da velha, dizendo com uma voz lamuriosa:

— Em casa é que são ellas, quando Pudina fizer as contas...

.....

Tambem nada d'isto lhe acontecera mais, porque ahi mesmo seu Cazusa resolveu legislar sobre o caso e decidiu no seu fôro intimo:

1.º Não andar mais ás pressas.

2.º Formular diariamente a *ordem do dia* de seu expediente.

3.º Ter sempre uma lista dos objectos que traz consigo.

4.º Respeitar os ovos alheios.

Luminosa deliberação a de seu Cazusa. E o homem ainda ia resmoneando consigo:

— Ah! quando Pudina souber... Que dia! E olhava de soslaio para a velha:

— E ainda tenho de lavar as calças. . . e a camisa... ai, ai!

A velha estava quasi a entregar ao homemzinho as quatro patacas, via-lhe umas lagrimas tão compridas!



CHARADAS

As do numero passado eram: Soldado, Secreta, Folia, Alvacora.

Um mez do *Sorriso* ao 1.º decifrador das de hoje:

Já a dextra adornei d'um rei potente—2
Correndo serpenteio o monte e o prado—2
Por meu sonoro, delicado canto
Perdi a liberdade, o dom sagrado

—
Elle tem, sem ter *h*—1
Perde um—ai—na mesma fica—1
Ou cause prazer ou dôr,
Bem s'entende e mal s'explica